

XII

ENTRE ESCONDER E REVELAR: NOTAS SOBRE A PORNOGRAFIA EM BYUNG-CHUL HAN NOS FEMINISMOS E NA TEORIA QUEER*

Rafael Renato dos Santos

A religião fez do corpo a prisão da alma e o inimigo de deus. Ele o chicoteou, amarrou, tentou purificá-lo pelo tormento e pelo fogo. Ela quis negá-lo, dominá-lo, sublimá-lo. A ciência transformou o corpo em um objeto anatômico, dissecou-o, dividiu-o em órgãos e funções, quis conhecê-lo e controlá-lo. O Estado liberal moderno fez do corpo um bem e uma mercadoria, uma responsabilidade e uma posse privada do indivíduo. Ele o disciplinou, normalizou, uniformizou. O capitalismo colonial fez do corpo uma força de trabalho, apagou-o, tomou-lhe não somente toda sua energia vital, como também todo seu poder de criação. Ele quis capturá-lo, comprá-lo, vendê-lo, rentabilizá-lo. O patriarcado transformou o corpo em forma de reprodução. Ele o estuprou, o engravidou. No neoliberalismo, esse corpo quebrado, devastado, expropriado, capturado... do qual toda força vital foi extraída, é ainda negado. Em seu lugar, um avatar suave é apresentado como uma imagem eletrônica compartilhada. Mas o corpo resiste. (PRECIADO, 2020)

Inquietações

O ponto de partida desta escrita é o incômodo. Desconforto, sensação indiscriminada e percepção da ausência de saída num impasse provocado pela leitura de dois livros de Byung-Chul Han: *No enxame: perspectivas do digital* (2018) e *Sociedade da Transparência* (2017a). Posteriormente esta condição me levou a complementar a leitura com o livro *Agonia do Eros* (2017b), buscando entender e obter mais elementos para anali-

*DOI - 10.29388/978-65-86678-12-3-f.205-226

sar as proposições de Han acerca do que ele concebe como pornografia.

O que era uma leitura estimulante transformou-se numa busca pessoal por tentar compreender as formas como a pornografia e suas adjacências têm sido tratadas ao longo de diversos momentos da história da chamada civilização ocidental. Neste sentido, me é muito presente a sensação de caminho a ser percorrido, muito mais do que de chegada a ser comemorada. É deste lugar que gostaria de posicionar essa escrita – ainda carregada de questionamentos, mais do que de certezas, de incômodos, mais do que de descobertas.

Se realizarmos uma visada rápida nos antecedentes religiosos da cultura judaico-cristã ocidental que dominou hegemonicamente nossa história, veremos que a questão da nudez, do corpo e da pornografia constituíram o nó em torno do qual certos tabus se estabeleceram. Aliás, é certo que, como bem destacado por Freud, a instituição de tabus está no alicerce daquilo que convencionou-se chamar de civilização. Desta forma, convém assinalar aquilo que deve ser objeto de nossas preocupações se quisermos discutir as estruturas mesmas sobre as quais muitas sociedades se fundamentaram: a crítica aos tabus.

Fazer uma crítica dos tabus seria aquilo que Oswald de Andrade (1992) – adaptando os itinerários nietzschiano e freudiano – chamou de uma filosofia da Devoração e transformação do tabu em totem. Transcrevo sua citação para que a ideia possa ficar mais clara:

É preciso dar o passo de Nietzsche na direção do Super-homem. Atingir a filosofia da Devoração. A antropofagia. ‘Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos, de todas as religiões, de todos os tratados de paz.’ A transformação do tabu em totem. (ANDRADE, 1992, p. 286)

Aqui expressa-se a necessidade de uma transvaloração dos valores culturais a partir de uma proposta de “genealogia antropofágica” (COSTA, 2014, p. 74), ou seja, uma crítica sobre o valor dos valores compartilhados socialmente como referenciais da nossa cultura.

Parto desta concepção para analisar, a partir do discurso bíblico, como a questão da nudez foi incorporada como um tabu e terminou por ser estigmatizada, criando uma ampla área de tensão que constituirá nosso olhar carregado de tabus sobre o corpo, o sexo, a pornografia e a sexualidade. Convém ressaltar que a questão do tabu se complementa pelo que Foucault (2014) chamou de dispositivo de sexualidade, o qual estabelece suas operações por meio de mecanismos de relação negativa, instância da regra, ciclo da interdição, lógica da censura e a unidade do dispositivo.

Retornando ao discurso bíblico, retomo a passagem do Gênesis acerca da nudez de Noé, da descoberta desta nudez por um de seus filhos (Cam ou Cão dependendo da tradução) e a conseqüente maldição que recaiu sobre as futuras gerações de Cam por esta “transgressão” de ver a nudez de seu pai.

E os filhos de Noé, que da arca saíram, foram Sem, Cam e Jafé; e Cam é o pai de Canaã.

Estes três foram os filhos de Noé; e destes se povoou toda a terra.

E começou Noé a ser lavrador da terra, e plantou uma vinha. E bebeu do vinho, e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda.

E viu Cam, o pai de Canaã, a nudez do seu pai, e fê-lo saber a ambos seus irmãos no lado de fora.

Então tomaram Sem e Jafé uma capa, e puseram-na sobre ambos os seus ombros, e indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai, e os seus rostos estavam virados, de maneira que não viram a nudez do seu pai.

E despertou Noé do seu vinho, e soube o que seu filho menor lhe fizera.

E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos.

E disse: Bendito seja o Senhor Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo.

Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem; e seja-lhe Canaã por servo.

E viveu Noé, depois do dilúvio, trezentos e cinquenta anos. E foram todos os dias de Noé novecentos e cinquenta anos, e morreu. (BÍBLIA, 2001, Gênesis 9:18-29)

Esta passagem sucedeu a outra bastante conhecida, ainda em Gênesis, na qual Adão e Eva, ao comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, obtiveram como consequência a “abertura dos olhos”, a percepção da nudez, a vergonha e a necessidade de cobrirem-se. (BÍBLIA, 2001, Gênesis 3:6-7)

Estes elementos se complementam com todas as proibições acerca da contemplação da nudez em suas mais variadas formas e contextos, extensamente prescritas em Levítico 18:1-30 (BÍBLIA, 2001), estabelecendo uma relação direta entre o fato de se ver a nudez e a associação deste olhar com a prática sexual. Nesta passagem ver alguém nu equivale a praticar sexo com esta pessoa.

O que notamos nestas três referências é o estabelecimento de uma interdição em torno da nudez e uma associação direta com as consequentes maldições por possíveis violações. No primeiro caso, a maldição foi colocada sobre a descendência de Cam, seu filho Canaã foi condenado (junto com sua posteridade) a servir como escravo das futuras gerações de seus tios (Sem e Jafé). Quanto a Adão e Eva, tiveram como consequência a maldição de Deus sobre a terra, a necessidade do trabalho árduo no cultivo de alimentos para sobrevivência e o acréscimo das dores do parto. Em Levítico, os transgressores sofreriam da contaminação da terra, a qual os vomitaria – em que consistia esse vomitar não é possível saber pela falta de elementos que explicitem esta questão no texto.

É possível verificar por meio destas narrativas a maneira como a nudez foi tratada como algo vergonhoso, como veículo de contaminação, como causa de maldição e, portanto, como tabu. É também este o lastro cultural que subjaz sobre o terreno moral que estabelece os limites da nudez e sua interdição. Desta forma, quando nos propomos a refletir sobre a pornografia e as questões que lhes são vizinhas, como é o caso da nudez, do corpo, do sexo, etc. estamos, de algum modo, esbarrando em estruturas que se sedimentaram ao longo de séculos de história

e que não são de simples apreensão. Daí a necessidade caminharmos com cautela sobre este terreno carregado de elementos.

Alguns contrapontos me ocorrem: Não seria a concepção de Han totalmente diferente das concepções tradicionais de pornografia? Não estaria ele compreendendo este termo para além da dimensão puramente física, restrita ao corpo e à sua nudez? Não seria um certo literalismo reducionista compreendê-lo desta forma?

A meu ver, ainda que ampliemos no plano filosófico a problemática da nudez, estendendo seus códigos, alargando suas proposições, seus contextos e diferindo das concepções tradicionais, de algum modo, sempre ressoará a materialidade de corpos nus e de práticas sexuais; por conseguinte, palavras mal-ditas em torno desta temática atuarão como “maldições” sobre corpos, práticas e sexualidades dissidentes que possuem na pornografia referências para seus desejos não normatizáveis. Inevitavelmente, as concepções filosóficas sobre a pornografia atingem a realidade concreta e tem suas repercussões sobre a vida comum, sobre as sexualidades e até mesmo sobre a política. Daí a necessidade de nos debruçarmos sobre alguns textos de Han para analisarmos suas premissas sobre a pornografia, mas também seus possíveis impactos extra-acadêmicos sobre a vida concreta.

Mais adiante, examinarei a questão das distorções da compreensão da pornografia, as apropriações pelo discurso conservador e as consequências disso para sua possível potência política e artística.

Han pornográfico

[...] não vamos cair nas suas armações metafísicas. Nós vimos Matrix, vivemos em Matrix ou no mundo real, tudo bem se não conseguirmos distinguir um do outro, e, para nós dá na mesma que nos massacrem em Matrix ou no mundo real. (VIDARTE, 2019, p. 146)

Antes de abordar o conteúdo das três obras de Han mencionadas no início do texto, gostaria de tecer algumas considerações sobre a forma

como sua escrita se apresenta, seu estilo e a maneira como trabalha sua argumentação.

O pensamento de Han compõe-se de maneira constante por pares de opostos que constituem a realidade, disposta de maneira quase sempre dicotômica. Algumas destas composições expressam-se por meio dos termos: positividade x negatividade; valor cultural x valor expositivo; pensamento x cálculo; processador x procissão; informação x saber; camponês x caçador; sujeito x projeto; teoria x dados; vivência x experiência; barulho x silêncio; o outro x o igual; etc.

Chama atenção estas oposições, pois remete ao sistema binário e ao universo digital e dos algoritmos, justamente os principais alvos das críticas de Han. Seria uma maneira intencional de produzir um desconforto no leitor, exatamente como este tipo de sociedade incomoda o autor?

Suas frases contundentes quase deixam transparecer um estilo aforismático que lembra em muitos aspectos as impactantes sentenças de Nietzsche, tão polêmicas quanto brutais. De certa forma, Han nos impele à reflexão por seu modo de filosofar por golpes – não de marteladas – mas por golpes de lâminas afiadas cujo gume divide, separa, provoca discernimento (em latim, instrumento que separa). Sua filosofia nos auxilia a distinguir a realidade por meio de sua separação em elementos opostos. No entanto, há neste método, uma forma de produzir conhecimento que é bastante característica do raciocínio que compõe as ciências modernas, cujo rigor taxinômico marcou profundamente a história do pensamento. Falamos aqui de influentes correntes filosóficas e epistemológicas que serviram de base à produção científica através das obras de Descartes, Bacon, Newton, Kant, Comte, entre outros e que consolidaram um paradigma hegemônico de sujeito e de conhecimento. Este paradigma concebeu uma divisão hierárquica do mundo em pares opostos que favoreceram o desenvolvimento de uma parcela considerável da ciência positivista, a saber, sujeito-objeto; natureza-cultura; ciência-misticismo; etc.

Neste sentido, o sujeito do conhecimento hegemônico que se consolidou possui como características quase invariáveis ser homem, branco, europeu, cristão, heterossexual e que produz uma realidade estável, com suas instituições e sua moral que segue “iluminando” o mundo

com sua ciência tão inabalável quanto messiânica. Este sujeito que divide o mundo em pares opostos, julgando separar a realidade para conhecê-la – e também dominá-la – será o mesmo que dividirá o mundo em verdade e mentira, em sagrado e profano, em cidadão e estrangeiro, em superior e inferior, em moral e imoral, produzindo exclusões e hierarquias sobre o próprio mundo e sobre o que é cognoscível. Questionar este estado de coisas e verificar nestes esquemas de organização do conhecimento, que partem de oposições antagônicas que se traduzem em opressões concretas na realidade social, constituiu a luta e os engenhos das epistemologias feministas. É no esteio destas inquietações que buscamos recorrer às(os) autoras(es) do feminismo e da teoria queer para fazer face às proposições de Han repensando-as, contrapondo-as e reiterando-as de igual modo, quando assim nos for permitido.

Não se trata de assumir uma posição contrária a todo pensamento de Han. Como dito no início, estabelecemos apenas alguns apontamentos acerca da forma como concebe a questão da pornografia com o objetivo de perceber as possíveis implicações deste raciocínio sobre as questões relativas ao campo das sexualidades dissidentes, das potências políticas e libertárias, isto é, não normativas, dos corpos, da nudez, das práticas sexuais não hegemônicas e da própria pornografia.

Sob a perspectiva de Han (2017a), vivemos em uma sociedade exposta que substituiu o valor cultural das coisas e do mundo, pelo valor expositivo. Nesta sociedade, há uma demanda por transparência, por eliminação de toda negatividade, de todo obstáculo à apreensão total da realidade. Em todos os domínios da vida se espraia a necessidade de tornar tudo acessível aos olhos, aos dedos e à posse, como se houvesse uma exigência por transformar o mundo em mercadoria.

De acordo com o autor, com a rápida ascensão das tecnologias e da mídia digital passamos por transformações decisivas em nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. (HAN, 2017a).

Este processo seria responsável pela emergência daquilo que Han chamará de sociedade da transparência, na qual a profusão digital, a aceleração do pensamento, a manipulação dos dados que produzimos, a perda da distância, a excessiva produção de informações, entre outros fato-

res, produziria um determinado sujeito que se explora, se exhibe, se esgota e se impõe o desempenho como forma de vida. (HAN, 2018).

Esse “sujeito depressivo-narcisista” (HAN, 2017b, p. 10), incapaz de reconhecer e de lidar com a dimensão negativa do outro, com a coletividade, com a temporalidade desacelerada, habita um mundo carente de eros, sem fantasia, um mundo de possibilidades ilimitadas, no qual o amor não tem vez (HAN, 2017b).

É deste lugar que Han tece suas análises, ou melhor, desfere seus golpes sobre a pornografia, concebendo-a em diversos momentos, mas sempre com uma tonalidade oposta de maneira desfavorável, danosa, nociva frente ao eros, ao amor e à sedução do outro (HAN, 2017b).

Através destas compreensões, o filósofo acrescenta que

A pornografia serve ao *mero viver exposto*, é o exato contraposto de eros. Ela aniquila a sexualidade. Neste sentido, é muito mais efetiva que a moral [...]. A pornografia tira sua força de atração da ‘antecipação do sexo morto na sexualidade viva’. O obsceno na pornografia não reside no excesso de sexo, mas no fato de não ter sexo. A sexualidade não se vê ameaçada por aquela ‘razão pura’ que evita o sexo, antiprazerosamente, como algo ‘sujo’, mas pela pornografia; a pornografia não é o sexo em espaço virtual. Mesmo o sexo real se transforma hoje em pornografia.

A pornografização do mundo se realiza como sua profanação. Ela profana erotismo. (HAN, 2017b, p. 55 *itálico do autor*)

Ainda que no espaço delimitado pelo capital, pelo neoliberalismo e pela compreensão que todas as dimensões da vida foram ocupadas pela ideia de consumo e mercadoria, é possível perceber que há uma premissa bastante contundente de desabono da pornografia, elencando-a como aquilo que aniquila a sexualidade, o sexo, profanando a dimensão do erotismo.

É esta visão de desacordo frente a pornografia no âmbito do capitalismo que vemos manifesta em outra passagem que carrega certa similaridade, ao afirmar que “O capitalismo acentua a pornografização da sociedade, expondo tudo como mercadoria e voltando-o à hipervisibilidade. O que se busca é a otimização do valor expositivo, sendo que o ca-

pitalismo não conhece nenhum outro uso da sexualidade.” (HAN, 2017a, p. 59).

Ora, será apenas o capitalismo que determina o uso das coisas, dando-lhes um sentido unívoco? Também as pessoas e suas relações, ainda que sob o capitalismo, não seriam capazes de produzir outras significações, divergências de sentido e subversões?

Penso que se não fosse assim, não teríamos práticas que subvertem a norma, que provocam quebras e rupturas, as quais Preciado (2010, p. 53) chamou de “falhas, descontinuidades, interstícios ou dobras de subjetivação desviante.”

Mas sigamos nas compreensões de Han acerca da nudez, da pornografia e do erótico.

A tensão erótica não surge da permanente exposição da nudez, mas da ‘encenação de um focar e desfocar’, como também a *negatividade* da ‘interrupção’, que concede brilho à nudez. Já a positividade da exposição da nudez desvelada é pornográfica, pois falta-lhe o brilho erótico. O corpo pornográfico é *raso*, não é *interrompido* por nada. A interrupção cria uma ambivalência, uma ambiguidade. Essa *imprecisão semântica* é erótica. Assim, o erótico pressupõe a negatividade do mistério e do ocultamento. Não existe erotismo da transparência. É precisamente onde desaparece o mistério em prol da exposição e do desnudamento total que começa a pornografia. Ela é marcada por uma positividade penetrante, incisiva. (HAN, 2017a, p.60, itálicos do autor).

O que chama a atenção nestes pressupostos de Han é sua perspectiva de que a pornografia – pela hiper-exposição da nudez, pela super-iluminação que provoca sobre o corpo, tornando-o em algo transparente, sem mistério, desvelado e em contato imediato com os olhos – produziria uma falha no processo de focar e desfocar, uma ruptura na dinâmica entre esconder e revelar, o que seria uma afronta direta a necessária aura que confere aos objetos seu valor cultural, seu valor de culto, a manutenção de sua negatividade.

De certa forma, o que Han defende em sua crítica a pornografia é a existência de regiões não passíveis de serem imediatamente acessíveis aos olhos e, portanto, passíveis de serem submetidas à exposição.

Em sua discussão sobre pornografia é recorrente a discussão de Han com Agamben, principalmente no que se refere ao conceito de “dispositivo teológico” (HAN, 2017a, p. 53 e 56; HAN, 2017b, p. 58) e também aquilo que Agamben chama de “signatura teológica” (HAN, 2017a, p. 60). Estes conceitos, seriam responsáveis por denunciar uma certa visão sobre a nudez, o corpo e a própria pornografia com um lastro na religião e na moral teológica.

As análises de Han sobre os pressupostos de Agamben envolvem desde convergências sutis à críticas ásperas, chegando a dizer que os exemplos que este último utiliza para descrever o conceito de profanação “são mesquinhos e estranhos.” (HAN, 2017b, p. 57).

Neste sentido, é possível perceber certo estranhamento entre o filósofo coreano e Agamben, principalmente pelo fato de que este último possui uma perspectiva de destituição do dispositivo teológico para que se possa compreender a pornografia, a nudez, o sexo e o erotismo de maneira menos impregnada de um fundo moral, ritualizado e envolto numa aura teológica.

As discordâncias com Agamben são variadas e explicitam esta percepção de Han de que estamos vivendo em um mundo cada vez mais secular, de desritualização, dessacralização e de exposição veloz da nudez e, portanto, da pornografia, tornando esse mesmo mundo “cada vez mais desnudo e obscuro” (HAN, 2017b, p. 61).

Ao que parece, pelas discussões que Han estabelece com as proposições de Agamben, há uma tensão entre uma tendência a perceber a necessidade de trazer para o uso comum as coisas e objetos antes sacralizados e de secularizá-los, desfazendo o núcleo religioso daquilo que era reservado a certos espaços – perspectiva de Agamben – e, uma outra tendência em manter o valor cultural, a baixa exposição, o acesso restrito às imagens tidas como pertencentes ao universo do privado, do reservado, do mistério e do velamento – perspectiva de Han.

Como dito, em diversos momentos em que a pornografia está em pauta, há um diálogo e uma contraposição deste último à percepção mais

aberta Agamben, o qual vislumbra certa possibilidade de experimentação e erotismo por meio de um acesso menos teológico à questões como a da nudez e da pornografia.

O Agamben apresentado aqui é aquele discutido e repensado por Han. Considero honesto e necessário que se faça uma leitura mais detida sobre a obra de Agamben para que possamos perceber de maneira mais clara estas aproximações e distanciamentos entre ambos os filósofos.

Vejamos uma provocação última frase de Han sobre a pornografia, onde encerra o capítulo homônimo.

A desritualização do amor se realiza na pornografia. A profanação de Agamben dá impulso, inclusive, ao processo atual de destruição de ritos e à pornografização do mundo, colocando em suspeita espaços rituais como se fossem formas de coerção da separação eletiva. (HAN, 2017b, p. 62).

O que Han contesta aqui é um pensamento que coaduna com a retirada daquilo que deveria estar reservado aos espaços exclusivos, longe da exibição, velados pelo manto do mistério que confere um valor cultural, uma sacralidade. O que percebo é que, de certa forma, Han defende que se mantenha uma distinção entre os espaços públicos e privados, entre o social e o pessoal, uma distinção entre o que deveria pertencer a esfera pública e o que deve permanecer na esfera privada. Em outras palavras, o pornográfico seria aquilo que não deveria estar na cena (obs-ceno), aquilo que, ao ser exposto, cumpre o papel desejado pelo capitalismo (atolado no digital) convertendo-se em mercadoria, em objeto de exposição e de consumo.

Mas seria apenas esta a função da pornografia, ainda que no mundo dominado pelo capitalismo? Quais outras possibilidades estão contidas sob ela e que podem ser, de algum modo (artístico ou político ou ambos) resgatadas? É possível pensar uma outra condição para o corpo nu, exposto, para este corpo pornográfico, que não seja apenas a de ser uma versão fraca frente ao mundo do espírito, do sagrado e do decoro? Será que a exposição, em vez de tudo revelar, tudo esconde? Será que ela, fazendo-nos acreditar que o que se vê é tudo o que se pode apre-

der, não prega em nós uma peça? Em sociedades cuja invisibilidade de diversas causas ainda perdura; em lugares que preferem fechar os olhos para muitas exclusões, injustiças, violências, não seria necessária uma nudez pornográfica para fazer ver o que se nega, que se rejeita e o que se oprime?

Ao expor de maneira tão intensa suas considerações sobre a pornografia, o que Han desperta em mim é o desejo de explorar este universo, perscrutar seus pressupostos, seus elementos, sua manifestação e suas potencialidades. Ao desnudar a própria pornografia e expô-la conceitualmente em suas possíveis fragilidades, Han também a faz parecer transparente, unívoca, cristalina, positiva. Eis o paradoxo da pornografia [...].

Olhares feministas e queer

O sexo é considerado culpado até que se prove sua inocência. Praticamente todos os comportamentos eróticos são considerados maus a menos que se estabeleça uma razão específica para isentá-los. As desculpas mais aceitáveis são o casamento, a reprodução e o amor. (RUBIN, 2017, p. 82)

Apesar de todas as questões relacionadas à pornografia – e polêmicas nunca lhe faltaram – tem sido consensual a compreensão de que sua discussão, seu acesso, sua difusão ou até mesmo seu estudo sempre foram vistos de forma estranha.

De igual modo, a percepção dos malefícios da pornografia sempre esteve presente nos debates, desde aqueles moralistas que produzem o pânico moral, por meio de subterfúgios na teologia, na criminalização por meios jurídicos ou na patologização por parte da medicina e da psiquiatria.

Diversos autores sob diferentes perspectivas já apontaram todas as tentativas de reprimir ou de produzir sexualidades normatizáveis. A este respeito, a obra de Preciado (2017) “Manifesto contrassexual” constitui uma demonstração bastante original desta tentativa de mapear os processos, dispositivos e tecnologias através das quais os corpos, desejos,

o gênero e as práticas sexuais foram organizados ou desorganizados ao longo de diferentes épocas.

Embora tenhamos avançado de forma considerável nestes campos, ainda paira sobre a pornografia certa restrição quanto a sua discussão e seu estudo, que ainda guardam resquícios de exclusão e de interdito.

Paralelamente, a indústria pornográfica tem proliferado suas produções seja no meio profissional, seja através de produções independentes ou até mesmo caseiras. Produção e consumo seguem na clandestinidade, pois carregadas de estigmas e associações arbitrárias com degenerações psíquicas, morais ou sociais.

Estas posições em torno da pornografia ficam definições de Nogueira, Oliveira e Pinto (2010, p. 375)

O termo “pornografia” inscreve-se, ainda hoje, numa imensa ambiguidade discursiva, sobremaneira influenciada por tradicionais representações científicas e institucionais muito poderosas. A sua (in)definição tem privilegiado o reforço de categorias reguladoras da ordem estética e moral, acabando por re-velar – ou seja, ocultando de novo – os conteúdos sexualmente explícitos que pretende descrever (ou, [...] prescrever). A coisa pornográfica é socialmente construída sobre uma monolítica arquitetura de dicotomias: ela é o referente máximo da “cultura do lixo”, “comercial” e “ofensiva”, por oposição à cultura “erudita”, do “bom gosto” e da “normalidade”. [...]

É neste terreno complexo e carregado de elementos que buscamos compreender como a pornografia foi compreendida pelos feminismos e pela teoria queer, como forma de resgatar olhares diferenciados sobre este fenômeno, fazendo – quiçá – um contraponto às compreensões advindas de autores como Byung-Chul Han.

De certo modo, interessa perceber os usos e desusos possíveis da pornografia para que possamos escapar a lógica do tabu, da compreensão dicotômica e verificar quais implicações esta lógica teria para a realidade brasileira, em especial, para nossa realidade política de populações que compõem o espectro LGBTQIA+. Além disso, me pergunto: quais

potências residem na retomada da pornografia enquanto espaço de resistência e descontinuidade da norma e proliferação de dissidências?

Como Coelho (2009) e Preciado (2007) nos mostram, nos Estados Unidos da década de 1980, a pornografia tomou parte dos debates feministas e incitou diversas discussões que dividiram o feminismo entre feministas anti-pornografia/pró-censura e feministas pró-sexo.

Do lado do feminismo pró-censura, havia uma forte crítica à violência de gênero e às opressões política e sexual das mulheres por meio das produções pornográficas. Suas mais proeminentes defensoras eram Catherine Mackinnon e Andrea Dworkin, para as quais a pornografia contribuía para a objetificação das mulheres. A máxima deste grupo era sintetizada no *slogan* de Robin Morgan o qual dizia que “a pornografia é a teoria, o estupro é a prática¹.” (PRECIADO, 2007, tradução nossa).

Estas concepções tiveram implicações sobre as mulheres, pois terminaram por novamente homogeneizar a categoria mulher, reforçando um certo essencialismo, além de colocar as mulheres na posição daquelas que apenas sofreriam as ações de forma passiva sem qualquer voz. (COELHO, 2009).

Preciado (2007) resgatará a memória de um fato ocorrido no Canadá, em que o discurso feminista pró-censura, cooptado pelas forças conservadoras, serviu de base para a aplicação de critérios feministas que estabeleceram a proibição de filmes pornôns apenas para as minorias sexuais, entre elas as lésbicas, enquanto a pornografia heterossexual não sofreu nenhuma restrição.

Do outro lado, as feministas se organizaram em 1981 a partir de Ellen Willis, a primeira a criticar o discurso anti-pornografia (abolicionista), reconhecendo que reivindicar a censura e a regulação do estado sobre a pornografia terminaria por reiterar o poder deste último sobre a sexualidade e suas representações. É com estes embates que Willis inaugurará o movimento de feministas pró-sexo (COELHO, 2009).

De lá para cá, diversas foram as mutações pelas quais passaram os debates feministas em torno da questão da pornografia. Ademais, o surgimento da Teoria Queer contribuiu para os avanços sobre a questão

¹ No texto original: "la pornografía es la teoría, la violación la práctica" (PRECIADO, 2007)

do corpo e do prazer, em suas mais diferentes formas, como expressões de sexualidades que nem sempre se manifestam através da norma heterossexual. Neste sentido, teóricas e teóricos (Judith Butler, Michael Warner, Eve K. Sedgwick, Gayle Rubin, David M. Halperin, Teresa de Lauretis e Paul Beatriz Preciado) colaboraram para a compreensão de que o corpo e o prazer – enquanto dissidências e variações da norma – também podem ser reconhecidos como plataformas políticas de resistência.

É a partir do olhar de Preciado que o impasse entre pornografia e os debates feministas encontrarão uma outra leitura, ao destacar um “feminismo lúdico e reflexivo” (PRECIADO, 2007) que, escapando do meio acadêmico, encontrará na produção audiovisual, dos filmes pornô, dos documentários, dos quadrinhos lésbicos, do punk lésbico, dos pornô transgênero, uma forma de subversão das tecnologias sexuais presentes na pornografia para ultrapassar a visão dicotômica do feminismo pró-censura e do feminismo pró-sexo.

Assim, a pornografia aparece como plataforma política ação e intervenção pública e resistência aos códigos normativos da pornografia tradicional. À reapropriação deste espaço e a sua transformação em plataforma de contra-poder/sexualidade Preciado vai designar de políticas de multitudes queer. (COELHO, 2009, p. 35-36)

Esta posição de Preciado, não deixa de reconhecer que a pornografia é uma forma de tecnologia sexual e que, se não considerada em sua natureza biopolítica, tem suas repercussões na manutenção de sexualidades normativas e do controle do corpo-sujeito.

O que chama a atenção é a perspectiva de que não somos sujeitos assujeitados a discursos, tecnologias e sem possibilidades de agenciamentos outros que possam provocar as falhas diante das astúcias da matriz heterossexual.

Sem negar estas dimensões, Preciado reconhece que a forma mais potente de controle da sexualidade não é a proibição de determinadas práticas, mas a produção de diferentes desejos enquadrados em identidades sexuais, elevadas a categorias fixas reificadas.

Será preciso resguardar a possibilidade de desvio, de proliferação de diferenças para que também a capacidade de insurreição apresente seus esquemas, pois: “Ainda que as tecnologias de controle produzam posições de sujeito-corpo, também esse sujeito-corpo resiste à normalização, produzindo falhas nestas tecnologias.” (PRECIADO, 2010, p. 55).

Para finalizarmos estes apontamentos sobre a pornografia, será preciso recorrer ainda mais um pouco a Preciado, que nos indica que caminhos e potências, ultrapassando as ambiguidades dos discursos sobre pornografia.

Este novo feminismo pós-pornô, punk e transcultural nos ensina que a melhor proteção conta a violência de gênero não é a proibição da prostituição, senão a tomada do poder econômico e político pelas mulheres e as minorias migrantes. Do mesmo modo, o melhor antídoto contra a pornografia dominante não é a censura, senão a produção de representações alternativas da sexualidade, feitas desde visões divergentes da visão normativa. Assim, o objetivo destes projetos feministas não seria tanto liberar as mulheres ou conseguir sua igualdade legal como dismantelar os dispositivos políticos que produzem as diferenças de classe, de raça, de gênero e de sexualidade fazendo assim do feminismo uma plataforma artística e política de invenção de um futuro comum². (Preciado, 2007, tradução nossa)

Do tabu ao totem

A cultura popular é permeada pela ideia de que a variedade erótica é perigosa, doentia, depravada, e uma ameaça a tudo que existe,

² Texto original: “Este nuevo feminismo posporno, *punk* y transcultural nos enseña que la mejor protección contra la violencia de género no es la prohibición de la prostitución sino la toma del poder económico y político de las mujeres y de las minorías migrantes. Del mismo modo, el mejor antídoto contra la pornografía dominante no es la censura, sino la producción de representaciones alternativas de la sexualidad, hechas desde miradas divergentes de la mirada normativa. Así, el objetivo de estos proyectos feministas no sería tanto liberar a las mujeres o conseguir su igualdad legal como dismantelar los dispositivos políticos que producen las diferencias de clase, de raza, de género y de sexualidad haciendo así del feminismo una plataforma artística y política de invención de un futuro común.” (Preciado, 2007)

desde crianças pequenas até a segurança nacional. (RUBIN, 2017, p. 84-85).

Desde o início deste texto, tenho pensado em como compreender este universo tão escorregadio da pornografia, seja pelo viés semântico, emergente da filosofia de Byung-Chul Han, seja pela noção de seu lastro moral e/ou teológico, constituindo tabus através dos quais as sociedades se estruturam ou ainda, por meio da leitura queer e feminista de que é possível abrir outros caminhos menos dualistas, mais híbridos de consideração do corpo, da nudez, da pornografia, sem esquecer que há um campo de constantes disputas – das mais variadas – imperando sobre a sexualidade.

Neste sentido, dar à pornografia um tom de oposição inferiorizada frente ao que seria o modelo hegemônico ideal de eros, de amor, de erotismo, etc. não me parece uma figura produtora. Estes debates já aconteceram nas ambiências feministas da década de 1980 e restaram, de alguma forma ampliados, ultrapassados.

O erotismo, o amor, o eros e a pornografia não estão necessariamente, isto é, por definição, de forma pré-reflexiva, em oposição. É preciso que ainda me detenha com cuidado sobre estas categorias, mas, de partida, sem uma premissa binária e hierarquizante. Explico as razões disso.

No ano de 2008, a Câmara dos Deputados por meio da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado, realizou um seminário intitulado “A influência da pornografia nos casos de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008). A reunião está gravada na íntegra e contou com a presença de pastores evangélicos, pastores-políticos, políticos e representantes de movimentos conservadores, entre eles uma psicóloga defensora da chamada “cura gay”. Este evento foi um verdadeiro show de atrocidades.

A pornografia foi arbitrariamente e desonestamente associada e classificada como:

1. Um caminho inevitável para práticas de crimes sexuais e crimes contra a vida, como o homicídio (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008, p. 2 e 4);
2. Responsável pela extinção das civilizações incas, maias e astecas (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008, p. 13);
3. Um problema de saúde pública (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008, p. 30);
4. Piores formas de vício, equivalendo-se ao vício em substâncias psicoativas (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008, p. 6);
5. À estimulação sexual precoce, promovida através do que chamaram de “passeata gay” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008, p. 31);
6. Morte física, emocional e espiritual (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008, p. 34);
7. Estímulo à homossexualidade, citando e distorcendo um artigo publicado na Revista de Estudos Feministas (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008, p. 34-35), entre outras barbáries.

Gostaria de lembrar também outro pandemônio envolvendo a proibição da exposição do Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira, sediada na cidade de Porto Alegre no ano de 2017. Segundo Mendonça (2017), a exposição contava com obras de arte de “grandes nomes como Adriana Varejão, Candido Portinari, Fernando Barril, Hurdinilson Jr., Lygia Clark, Leonilson e Yuri Firmesa.

Sob acusações de pedofilia, de zoofilia e de vilipêndio religioso, contrariando todas as leis de liberdade de expressão, a exposição foi encerrada devido a fortes pressões conservadoras de diversos seguimentos da sociedade brasileira.

Diante de todas estas questões elencadas, resta a compreensão que a pornografia, o corpo, o sexo e a sexualidade são campos de disputas (discursivas, políticas). De igual modo, estes campos precisam ser habitados, ocupados para que uma perspectiva reacionária, autoritária e repressora não estabeleça seu discurso e seu poder.

Daí a necessidade de nos atermos aos riscos da condenação à pornografia, assumindo uma postura totalmente contrária ou até mesmo negligente diante dela, seja no plano acadêmico, na militância

LGBTQTQIA+ e até mesmo nos feminismos. Precisamos recordar do caso do Canadá, citado por Preciado, juntamente com os olhos bem abertos para os movimentos de extrema direita, fascistas e reacionários do contexto brasileiro.

Os riscos e perigos de um discurso de oposição à pornografia, ainda que bem fundamentado e coerente do ponto de vista da construção teórica que propõe, para a realidade de um país como o Brasil, onde existe uma distorção deliberada e excessiva má-fé por parte dos setores políticos alinhados à teocracia neopentecostal, associando à pornografia ao abuso e ao cometimento de outros crimes contra a vida, tem como objetivo principal o controle biopolítico dos corpos e das sexualidades. No final das contas, esse é apenas um passo na direção do objetivo maior da bancada evangélica e de setores conservadores da sociedade brasileira, um passo rumo à criminalização das sexualidades dissidentes.

É preciso cautela, antes de estabelecer uma premissa dicotômica sobre a pornografia e todos os temas que lhes são vizinhos, pois nosso país apresenta certas peculiaridades e nossa sociedade possui um forte histórico colonial, de dominação religiosa e de opressão às diferenças que destoam da norma burguesa, branca, europeia, cristã e heterossexual. “Mas o corpo, resiste...” (PRECIADO, 2020)

Seria a realidade apenas inteligível por meio de sua fragmentação em dualidades? Seria apenas compreensível por meio de oposições lógicas? O que questiono é justamente a decomposição do mundo em pares, muitas vezes antagônicos, cuja demanda é sempre por um em detrimento do outro, pois por fim, um se estabelece sobre o outro de maneira hierárquica. Estas hierarquias no campo do conhecimento já protagonizaram diversos “epistemicídio” (CARNEIRO, 2005), diversas opressões, deslegitimação e condenaram muitos saberes populares ao obscurantismo, com consequências que vão da queima de bruxas em fogueiras à queima e derrubada das florestas amazônicas na atualidade.

Referências

ANDRADE. O. de. **Estética e Política**. São Paulo: Globo, 1992. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Seminário**: A influência da pornografia nos casos de abusos e exploração sexual de crianças e adolescentes. Documento digital. 06 Nov. 2008. Disponível em: <<https://apublica.org/wp-content/uploads/2019/08/seminario-sobre-influencia-da-pornografia-no-abuso-e-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes-na-camara-dos-deputados.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2005.

COELHO, S. **Por um feminismo queer**: Beatriz Preciado e a pornografia como pre-textos. Ex aequo, Vila Franca de Xira, n. 20, p. 29-40, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jul. 2020.

COSTA, T. L. **O perfeito cozinheiro das teorias deste mundo**: a antropofagia ensaística de Oswald de Andrade. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HAN, B-C. **Agonia do Eros**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.

_____. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Sociedade da transparência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.

MENDONÇA, H. **Queermuseu**: o dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. El País. 13 Set 2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NOGUEIRA, M. da. C.; OLIVEIRA, J. M. de.; PINTO, P. **Debates feministas sobre pornografia heteronormativa**: estéticas e ideologias da sexualização. *Psicologia: Reflexão Crítica*. Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 374-383, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000200020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PRECIADO, P. B. **Entrevista concedida a Jesús Carillo**. *Revista Poiesis*. n. 15, p. 47-71, jul. 2010.

_____. **Hino ao corpo**. Tradução: Luiz Morando. *RESISTA! Observatório de resistências plurais*. Disponível em: <<https://resistaorp.blog/2020/06/02/hino-ao-corpo/>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

_____. **Manifesto Contrassexual**. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

_____. **Mujeres en los márgenes**. *El País*. 02 jan. 2007. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/01/13/babelia/1168648750_850215.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

RUBIN, G. **Políticas do Sexo**. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2017.

VIDARTE, P. **Ética Bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. Tradução: Maria Selenir Nunes dos Santos e Pablo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 edições, 2019.